

## Capítulo 4

### Aspectos de uma religiosidade

Em julho de 1982, ano em que se via às voltas com a publicação de *A Lição do Amigo*, livro que reuniria as cartas que Mário de Andrade lhe endereçara, Carlos Drummond de Andrade escreve, para o *Jornal do Brasil*, um artigo relembrando o aspecto religioso da vida do modernista paulista, que chegara a ser diplomado membro da Congregação Mariana de N. Sr<sup>a</sup> da Conceição da Igreja de Santa Ifigênia, em 1918, época em que inicia o noviciado na Ordem Terceira do Carmo. No artigo, Drummond menciona passagens da vasta correspondência de Mário de Andrade com intelectuais, ressaltando a importância da religião em sua vida e em sua atividade de escritor.

Com o tempo, o autor de *Macunaíma* iria se afastando da prática católica, mas chegaria a se auto-censurar por não mais comungar e, três anos antes de morrer, escreve a Murilo Miranda, diretor da *Revista Acadêmica*:

“Eu jamais ocultei a você nem a ninguém que acredito em Deus, por exemplo, que sou de formação católica, e, meus Deus! Se a Igreja me repudia porque não pratico, no fundo vocês até poderão me chamar de beato! De papista! E nem sei que mais! E não é nem uma nem duas vezes que relembrei isso a vocês e publicamente”.<sup>1</sup>

Drummond notaria que jamais soube de autoridade religiosa repudiando o ex-congregado mariano:

“É possível que a condicional de Mário de Andrade só exprima o sentimento íntimo, nele, de que já não era um bom católico praticante, em falta com os deveres religiosos...”<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Andrade, Mário de. *Cartas a Murilo Miranda*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. P. 114.

<sup>2</sup> Andrade, Carlos Drummond de. *A Religião em Mário de Andrade*. *Jornal do Brasil*, Caderno B, 22/07/1982. P.8.

A Álvaro Lins, revelando aspectos de sua matéria poética, que chegam a lembrar “os homens presentes/ a vida presente” a que se refere Drummond em seu poema *Mãos dadas*, escreveria, em 24 de março de 1942:

“Eu nasci pra fazer a obra temporária que age, força a vida e morre cumprida a ação. Isso é tão verdade que, observe: sendo um sujeito que acredita em Deus mas com uma evidência que chega a ser física, toda a obra minha é duma terestridade enorme, 99% agnóstica”.<sup>3</sup>

Comentando aspectos religiosos que observa na obra e na vida de Manuel Bandeira, Elvia Bezerra assinala:

“É preciso, no entanto, que se entenda religioso não no sentido do homem que professa uma determinada fé religiosa, mas num sentido mais amplo da palavra e ao mesmo tempo mais próximo do vocábulo latino *religare* – acurada e conscienciosa observação. Para o psicólogo suíço C.G. Jung o *homo religiosus* ‘considera e observa cuidadosamente certos fatores que agem sobre ele e sobre seu estado geral’. Não é necessário para esse exercício qualquer vínculo a credos. Em seu *Psicologia e religião*, Jung recorre à definição de religião de Cícero para esclarecer sua idéia: ‘Religião é aquilo que nos incute zelo e um sentimento de reverência por uma certa natureza de ordem superior que chamamos divina’.”<sup>4</sup>

Apesar do autor de *Macunaíma* assumir claramente a prática religiosa, mais intensamente do que Bandeira, a idéia de *religare* parece também ganhar em Mário de Andrade uma dimensão que o levará à luta por uma arte cada vez mais social, despida de virtuosismos gratuitos e também a sonhar com um mundo mais solidário e justo em oposição aos “donos da vida”.

Em carta a Manuel Bandeira, em 1924, Mário de Andrade afirma: “... nada no mundo, Manuel, far-me-ia perder a missa”. Aqui caberia acentuar que entre Mário e Bandeira haveria também a afinidade religiosa, que os levaria a uma postura de

<sup>3</sup> Andrade, Mário de. *Cartas de Mário de Andrade a Álvaro Lins*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983. P. 58.

<sup>4</sup> Bezerra, Elvia. *A Trinca do Curvelo*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995. P. 55-56.

humildade diante da vida. Vejamos, por exemplo, um poema que Mário envia a Bandeira, naquele mesmo ano de 1924:

Doçura da pobreza assim...  
Perder tudo o que é seu, até o egoísmo de ser eu...  
Tão pobre que possa apenas concorrer à multidão...  
Dei tudo que era meu, gastei-me no meu ser,  
Fiquei apenas com o que há de toda a gente em mim...  
Doçura de ser pobre assim!...

Nem me sinto mais só, dissolvido nos homens.

Eu caminhei. Ao longo do caminho  
Ficava no chão mole e orvalhado da aurora  
A marca vitoriosa dos meus passos.  
Depois o sol subiu. O calor vibrou no ar  
Em partículas de luz e sopro ardente.  
A terra se enrijou e endureceu.  
O sinal dos meus pés é invisível agora.  
Mas sobre a Terra vasta, a grande terra silenciosa  
E as árvores crescendo e morrendo na Terra  
E os homens sempre iguais,  
Eu me sinto maior, igualando-me aos homens iguais.

Ao poema, Mário daria o título de *Maturidade* e afirmaria ao amigo: “Eu acho isso lindo, franqueza”<sup>5</sup>. Bandeira responderia: “Em minha última carta esqueceu-me dizer-lhe que gostei muito da *Maturidade*.” Anos depois, o poema teria alguns dos versos alterados por Mário, que também lhe mudaria o título para *Aspiração*, publicando-o no livro *Remate de Males*, em 1930.

É interessante lembrar do último poema de *A cinza das horas*, lançado cerca de sete anos antes da primeira versão do poema de Mário de Andrade:

Chora de manso e no íntimo... Procura  
Curtir sem queixa o mal que te crucia:  
O mundo é sem piedade e até riria  
Da tua inconsolável amargura.

---

<sup>5</sup> Andrade, Mário de & Bandeira, Manuel. Correspondência. Organização de Marco Antonio Moraes. São Paulo: IEB/Edusp, 2000. P. 122.

Só a dor enobrece e é grande e é pura.  
Aprende a amá-la que a amarás um dia.  
Então ela será tua alegria,  
E será, ela só, tua ventura...

A vida é vã como a sombra que passa...  
Sofre sereno e dalma sobranceira,  
Sem um grito sequer, tua desgraça.

Encerra em ti tua tristeza inteira.  
E pede humildemente a Deus que a faça  
Tua doce e constante companheira...

O belo soneto a que o poeta pernambucano chamou *Renúncia* pode, juntamente com *Maturidade*, sugerir a intenção dos autores de pouco a pouco se submeterem a uma supressão do Eu para realizarem um projeto coletivo de doação que se verifica em suas obras poéticas.

No soneto de Bandeira está exposta a questão da dor que não deve ser menosprezada, muito menos recalcada, mas que pode e deve propiciar uma enriquecedora convivência de solidão e amadurecimento. E ao se tratar da dor, impossível não lembrar do verso “a própria dor é uma felicidade” que está no poema *Rito do Irmão Pequeno*, de 1931, que Mário de Andrade dedica a ninguém menos que Manuel Bandeira.

“(...) Chora, irmão pequeno, chora,  
Porque chegou o momento da dor.  
A própria dor é uma felicidade...

Escuta as árvores fazendo a tempestade berrar.  
Valoriza contigo bem estes instantes  
Em que a dor, o sofrimento, feito vento,  
São conseqüências perfeitas  
Das nossas razões verdes,  
Da exatidão misteriosíssima do ser.

Chora, irmão pequeno, chora  
Cumpra a tua dor, exerce o rito da agonia.

Porque cumprir a dor é também cumprir o seu próprio destino:

É chegar àquela coincidência vegetal  
Em que as árvores fazem a tempestade berrar.  
Como elementos da criação, exatamente (...)"

Bandeira, anos depois da morte de Mário, chegará a dizer, serenamente:

"... Bebi o café que eu mesmo preparei,  
Depois me deitei novamente, acendi um cigarro e fiquei pensando...  
- Humildemente pensando na vida e nas mulheres que amei."

Mas a serenidade que permeia o *Poema só para Jaime Ovalle*, embora já estivesse indicada em *Renúncia*, terá que ser construída à custa de vontade de se matar, mesmo em quem já dialogara com a morte tantas vezes por ser tuberculoso como no caso de Bandeira, para quem a poesia apareceu não como um projeto de vida, mas por fatalidade.

E se em Bandeira a angústia e a melancolia transparecem em menor grau do que em Mário de Andrade, não se pode dizer que em muitos de seus versos não existam esses sentimentos.

No que diz respeito à supressão do Eu, vale verificar o que escreveu Simone Weill, em *A Gravidade e a Graça*:

"Nada possuímos no mundo – pois o acaso pode nos tirar tudo – a não ser o poder de dizer 'eu'. É isso que devemos dar a Deus, ou seja, destruir. Não há absolutamente nenhum outro ato livre que nos seja permitido, exceto a destruição do eu.  
Oferenda: nada podemos oferecer exceto o eu, e tudo o que chamamos oferenda não é senão um rótulo colocado sobre uma desforra do eu..."<sup>6</sup>

Parece-nos que a idéia alinhavada pela pensadora francesa está próxima da intenção desenvolvida por Bandeira e Mário nos poemas *Renúncia* e *Maturidade*, respectivamente.

---

<sup>6</sup> Weill, Simone. *A Gravidade e a Graça*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. P. 27.

Na literatura brasileira, os nomes de Murilo Mendes e de Jorge de Lima (e mais recentemente Adélia Prado) são sempre os mais lembrados quando se fala de literatura e religião. Em Mário de Andrade, apesar do seu posicionamento pessoal, priorizando sua atividade religiosa, essa relação ficou sob a sombra da militância modernista. Ao se procurar essa relação em Bandeira, logo poderíamos citar o poema que menciona o crucifixo ou o oratório *Alegrias de Nossa Senhora*. No entanto, se pensarmos no ato da renúncia para uma dedicação à poesia, ao outro, à amizade, veremos que o caso da relação religiosa é bastante intenso tanto em Mário de Andrade quanto em Manuel Bandeira.

Em *Confissões*, Santo Agostinho, angustiado, diz:

“A minha infância morreu há muito; mas eu vivo ainda”.<sup>7</sup>

Ao ler essas palavras nos lembramos imediatamente do final do poema bandeiriano *Velha Chácara*, de 1944:

“Não existe mais a casa...  
- Mas o menino ainda existe”.

Poderíamos supor que esse poema fosse uma espécie de resposta a Santo Agostinho? Bandeira encontrava na infância toda a força da vida que poderia ter sido e que não foi. Exatamente esse menino lhe devolvia a graça. Só com ele poderia, maduro, compreender o que descreve em *Lua Nova*:

Meu novo quarto  
Virado para o nascente:  
Meu quarto, de novo a cavaleiro da entrada da barra.

Depois de dez anos de pátio  
Volto a tomar conhecimento da aurora.  
Volto a banhar meus olhos no mênstruo incruento das madrugadas.

Todas as manhãs o aeroporto em frente me dá lições de partir.

Hei de aprender com ele

---

<sup>7</sup> Agostinho, Santo. *Confissões*. Os Pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999. P. 42.

A partir de uma vez

- Sem medo,  
Sem remorso,  
Sem saudade.

Não pensem que estou aguardando a lua cheia.

- Esse sol de demência  
Vaga e noctâmbula.  
O que eu mais quero,  
O de que preciso  
É de lua nova.

E só assim poderia preparar-se para a morte (com a qual lutou cerca de 82 anos), afirmando:

A vida é um milagre.

Cada flor,

Com sua forma, sua cor, seu aroma,

Cada flor é um milagre.

Cada pássaro,

Com sua plumagem, seu vôo, seu canto,

Cada pássaro é um milagre.

O espaço infinito,

O espaço é um milagre.

O tempo, infinito,

O tempo é um milagre.

A memória é um milagre.

A consciência é um milagre.

Tudo é milagre.

Tudo, menos a morte.

- Bendita a morte, que é o fim de todos os milagres.

Por seu lado, Mário de Andrade teria uma relação mais atormentada com a morte e chegaria a viver aflito com a idéia de suicídio. No entanto, em *A meditação sobre o Tietê*, poema escrito poucos dias antes de sua morte (aos 51 anos, de enfarte) chega a uma reconciliação consigo mesmo e com uma idéia próxima a que já estava décadas antes colocada no poema *Maturidade*. Enfim, nos parece que tanto para

Bandeira quanto para Mário, o milagre da vida só pode ter sentido quando o indivíduo se sente maior, igualando-se aos homens iguais.

Tratando da religião em Mário de Andrade, Drummond observa: “Murilo Mendes advertiu-me, certa vez, que ser cristão não é dormir tranqüilinho no travesseiro de Deus, mas antes agitar-se na insônia da consciência...” E afirma que Mário de Andrade teria sido um cristão inquieto.

Em *A Gravidade e a Graça*, Simone Weill diz:

“É preciso chegar a encontrar uma realidade mais plena ainda no sofrimento que é nada, vazio.  
Assim também é preciso amar muito a vida para amar ainda mais a morte”.<sup>8</sup>

As frases/ fragmentos de Simone Weill parecem dialogar com o soneto escrito por Mário às vésperas de completar quarenta anos de idade:

A vida é para mim, está se vendo,  
Uma felicidade sem repouso;  
Eu nem mais sei se gozo, pois que o gozo  
Só pode ser medido em se sofrendo.

Bem sei que tudo é engano, mas sabendo  
Disso, persisto em me enganar... Eu ousou  
Dizer que a vida foi o meu bem precioso  
Que eu adorei. Foi meu pecado... Horrendo

Seria, agora que a velhice avança,  
Que me sinto completo e além da sorte,  
Me agarrar a esta vida fementida.

Vou fazer do meu fim minha esperança,  
Oh sono, vem!... Que eu quero amar a morte  
Com o mesmo engano com que amei a vida.

Mas o aspecto religioso em Mário de Andrade, se tem bases no catolicismo, se estende a seus estudos sobre folclore e a seu interesse pela prática do candomblé

---

<sup>8</sup> Weil, Simone. *A Gravidade e a Graça*. São Paulo: Martins Fontes, 1993. P. 92.

evidenciado na conferência *Música de Feitiçaria no Brasil*, pronunciada na Escola Nacional de Música, em 1933:

“(...) Afranio peixoto define candomblé como ‘práticas de feitiçaria de negros africanos, em que há intermédios de batuque e comezainas’. Minha impressão é que foi Nina Rodrigues ainda desta vez quem compreendeu melhor o sentido da palavra: os africanos do Brasil, reunidos em agrupamento religioso, unificados mais ainda pelo culto que praticavam do que pela tribo de que vinham, davam genericamente o nome de candomblé a todas as suas festas musicais, quer profanas, quer religiosas. Os primeiros cristãos também fizeram isso. Incitados a cantar e cantar muito pois, como dizia São Paulo aos Colosseus ‘que a palavra de Cristo more em vós com abundância e toda sabedoria, vos ensinando e incitando uns aos outros com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando em estado de graça, do fundo dos vossos corações, louvores ao Senhor’, opinião esta repisada por todos os padres da Igreja primitiva, os primeiros cristãos obedeceram tão prazerosos ao convite de Paulo, que, parece, não observaram, ou observaram... por demais o ‘estado de graça’ que o apóstolo pedia. E por isso não cantavam mais somente ‘antes do nascer do sol, hinos em honra de Cristo’, como ainda informava Plínio o Moço a Trajano, porém até nos seus banquetes se desmanchavam em cantorias sem fim. O excesso preocupou os chefes da Igreja, pois que no século dois S.Clemente legislou sobre como e quando os fiéis deviam cantar os seus cânticos pra não se confundirem com os mímicos e cantadores que divertem nas farras”.<sup>9</sup>

Mas o fato de haver religiosidade na farra já era uma possibilidade para Mário, encantado com a farra do carnaval carioca, em 1923. Mário veria na festa toda uma religiosidade foliã. Esse aspecto de oração, de reza que se desprende dos versos de *Carnaval carioca* foi ressaltado por Bandeira, em carta a Mário, de maio de 1923. Nela, o poeta pernambucano diz que Mário soube dar harmonia a um mundo de sensações, fazendo com tocante ternura sua profissão de fé, dele e de seus poetas

---

<sup>9</sup> Andrade, Mário de. “Música de feitiçaria no Brasil (conferência literária)”. *Música de Feitiçaria no Brasil*. 2ª ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1983. P. 42.

irmãos no trecho que menciona ser poeta, palhaço, juiz, criancinha. Bandeira considera que Mário teria rezado como Paul Verlaine em versos de *Sagesse*, livro que o poeta francês, segundo Marcos Antonio de Moraes, citava como testemunho de sua conversão religiosa.<sup>10</sup>

---

<sup>10</sup> Andrade, Mário de & Bandeira, Manuel. Correspondência. São Paulo: IEB/Edusp, 2000. P.90-91.